



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

QUANDO A FÉ ANUNCIA O *PATHOS*: FIGURAÇÕES DO EROTISMO EM “MELHOR DO QUE ARDER”, DE CLARICE LISPECTOR



WHEN FAITH ANNOUNCES *PATHOS*: FIGURATIONS OF THE EROTIC IN “MELHOR QUE ARDER”, BY CLARICE LISPECTOR

Vanessa Neves Riambau PINHEIRO
Fabio Gustavo Romero SIMEÃO

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 19/04/2020 • APROVADO EM 08/09/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2341>

Resumo

Calcada sob os mandamentos de cada cultura, a relação do homem com o erótico (des)vela algumas de suas inquietações mais arcaicas, na medida em que o obriga a confrontar uma dimensão tão íntima, que, não raro, confunde-se com seu próprio fim. Ao longo dos tempos, filósofos, poetas e místicos procuraram, através dos mais diversos meios, dar sentido à experiência erótica, no intuito de compreender essa misteriosa ânsia que, ao nos impelir para o encontro do próximo, denuncia nossa incompletude. No caso do Ocidente, com a ascensão e posterior consolidação da cosmovisão judaico-cristã, operou-se uma verdadeira

“demonização” do erótico, que, a partir de então, angariou para si os signos do pecado, do abjeto e do mortífero. O degredo ao qual o erótico foi condenado reformulou os termos pelos quais temos acesso e vivenciamos essa esfera da experiência humana, estabelecendo-se, assim, um distanciamento contínuo entre corpo e espírito, carne e alma, que, amiúde, desperta sentimentos de culpa e pesar. É o que se desenha no quadro subjetivo de “Melhor que arder”, de Clarice Lispector. O conto, publicado pela primeira vez no ano de 1974, encena o drama de Clara, uma jovem mulher que, confinada nos muros de um convento, digladiava-se com seu próprio desejo sexual. Isto posto, pretendemos, neste trabalho, realizar uma leitura da narrativa em questão, com vistas a examinar as vicissitudes da pulsão erótica quando esta é aparentemente silenciada, além das potencialidades subversivas que o texto literário atinge quando se debruça sobre esse terreno instável que é a sexualidade humana.

Abstract

Based on the precepts of each culture, man's relationship with the erotic (un)veils some of his most archaic concerns, as it forces him to confront a dimension so intimate that he often confuses it with his own demise. Throughout the ages, philosophers, poets and mystics alike have tried, by various means, to make sense of the erotic experience, in order to understand this mysterious urge that, in impelling us to meet others, denounces our own incompleteness. In western civilization, with the rise and subsequent consolidation of the Judeo-Christian worldview, there was a true “demonization” of the erotic, which thereafter brought to itself the signs of sin, the abject and the deadly. The degradation to which the erotic was condemned reformulated the terms by which we have access and experience this sphere of the human condition, thus establishing a continuous distance between body and spirit, flesh and soul, which often arouses feelings of guilt and sorrow. This is what is established in the subjective framework of Clarice Lispector’s “Melhor que arder”. The short story, first published in 1974, enacts the drama of Clara, a young woman who, confined to the walls of a very strict convent, fights with the intensity of her own sexual desires. That said, we intend, in this paper, to offer a reading of said narrative, in order to examine the vicissitudes of the erotic drive when it is apparently silenced, as well as the subversive potentialities that the literary text acquires when it discusses this unstable terrain that is human sexuality.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Erotismo. Clarice Lispector.

KEYWORDS: Literature. Eroticism. Clarice Lispector.

Texto integral

O erotismo literário é, em suma, a fantasia da fantasia.

Eliane R. Moraes

Conforme salienta a professora Lúcia Castello Branco (1984), a história do erotismo é indissociável da história da sua repressão, especialmente no caso do

Ocidente. Ao que tudo indica, desde a aurora da civilização, para lidar com os clamores ensurdecadores do desejo, o homem procurou traçar limites, demarcar fronteiras e erigir barreiras entre as dimensões do corpo e da alma, da matéria e do espírito, em uma eterna busca pelo conforto do silêncio, do inanimado, enfim, da morte. Essa dicotomia entre vida/morte, prazer/punição – anterior, inclusive, ao desabrochar do cristianismo – é palpável já em um dos mais antigos registros sobre o assunto dos quais temos notícia, a saber: *O banquete* (c. 380 a.C.), de Platão.

Nesse texto, o filósofo ateniense convoca a figura de vários pensadores e poetas do seu entorno para debaterem, entre outros tópicos, sobre a natureza do amor, da paixão e da beleza. Uma das personagens a tomar posse da palavra no simpósio platônico é o comediógrafo Aristófanes, que relata a sua versão do nascimento de Eros. Segundo ele, em um passado mítico, antes do ser humano alcançar a sua forma atual, caminhavam sobre a terra uma espécie de entes perfeitos, de “forma esférica, globular, com oito membros” (MIRANDA FILHO, 2011, p. 46). O vigor desses seres residia no fato de reunirem, em si mesmos, aspectos concomitantemente masculinos e femininos, ou seja, eram de feição andrógina e, por isso, completos, autossuficientes. Preocupado com a potencial ameaça que essas criaturas hermafroditas poderiam vir a representar para sua hegemonia no Olimpo, Zeus decide “cortá-los longitudinalmente ao meio” (MIRANDA FILHO, 2011, p. 47), neutralizando, assim, todo seu poder. É a partir dessa ruptura que, no entendimento de Aristófanes, teria germinado Eros – desde então responsável por impulsionar os homens na “busca desesperada pela unidade perdida” (MIRANDA FILHO, 2011, p. 47).

Vemos, então, até que ponto é verdadeira a constatação de Branco (1984), quem enxerga nos rastros deixados por Eros as marcas nocivas da censura e do castigo. Todavia, como a própria autora nos alerta, é importante reconhecermos a “inesgotável flexibilidade” do deus da volúpia, na medida em que apesar de encontrar-se “em contextos extremamente repressores o erotismo termina por descobrir maneiras de burlar a moral vigente e de se expressar” (BRANCO, 1984, p. 91). Nessa perspectiva, a arte e, particularmente, a literatura apresentaram-se ao longo da história como espaços propícios para as manifestações subversivas de Eros. De fato, a literatura brasileira possui uma tradição bastante rica de escritos desta sorte, que tomam o signo da carne como estandarte para pensar dramas inerentes ao mundo interior do homem. Desde os sonetos obscenos de Gregório de Matos, o “Boca do Inferno”, até a prosa explicitamente pornográfica da sempre irreverente Hilda Hilst, defrontamo-nos com um verdadeiro fontanário de fantasias libidinosas que contestam todo e qualquer discurso higienista sobre a sexualidade e seus múltiplos avatares.

Nessa seara, destacamos a figura emblemática de Clarice Lispector (1920 – 1977), sem sombra de dúvidas uma das maiores escritoras das nossas letras. Dona de um estilo extremamente original e único na sua época, dedicou-se a produção de uma literatura de feições predominantemente psicológicas, por vezes beirando o existencialismo, investindo sobremaneira na sondagem interior de suas personagens. Passeando por diversos gêneros literários – o conto, o romance, a crônica etc. – sempre com admirável maestria, legou à historiografia literária um vastíssimo repertório que, ainda hoje, suscita calorosos debates, tanto por parte da

fortuna crítica tradicional quanto dos circuitos acadêmicos e universitários. Do conjunto de sua fecunda obra, selecionamos, para uma breve análise que, de modo algum pretende-se completa, o conto “Melhor do que arder”, integrante da enigmática coletânea *A via crucis do corpo*, publicada pela primeira vez no ano de 1974.

A narrativa em foco retrata o drama vivido por Clara, uma jovem mulher de “buço escuro e olhos profundos, negros” que “entrara no Convento por imposição da família” (LISPECTOR, 2016, p. 582). Confinada ao claustro da vida monástica e impelida a obedecer ao estrito código moral da Igreja, a protagonista entabula uma contenda com seus impulsos eróticos que, num furor deveras contumaz, ameaçam dilacerar seu corpo e conspurcar seu espírito. É justamente esse conflito interno, entre o dogma e o desejo, o sublime e o grotesco, desenhado de maneira impecável por Lispector, que pretendemos examinar. Para tanto, recorreremos às considerações histórico-filosóficas tecidas pela já referida Branco (1984) e Bataille (2014), além das teorizações estéticas desenvolvidas por Moraes (2015) e Mainguenu (2010). Esperamos, assim, lançar um pouco de luz sobre as vicissitudes da pulsão erótica, especialmente quando esta é aparentemente silenciada, e compreender as potencialidades subversivas que o texto literário atinge quando se debruça sobre esse terreno instável que é a sexualidade humana.

DOS SULCOS DA CARNE AOS CONTORNOS DA LETRA: LITERATURA E EROTISMO

Conforme pudemos notar acima, através da menção ao simpósio de Platão, a problemática erótica vem sendo incansavelmente estudada por filósofos, místicos e poetas há séculos. Efetivamente, ao retrocedermos na linha do tempo, deparamo-nos com incontáveis textos – das mais profundas tradições teológicas e/ou epistemológicas – que tentaram sua sorte na impossível tarefa de resolver os enigmas de Eros. O deus grego, no entanto, continuou furtivo, revelando-se apenas parcialmente aos seus fiéis cortejadores. Isto posto, uma análise minuciosa dos discursos que ao longo do tempo foram construídos em torno da sua figura apontam para um campo semântico bastante particular, no qual noções de movimento, fluidez, encontro, criação e, principalmente, união, repetem-se *ad infinitum*.

A esse respeito, Branco (1984) esclarece:

A ideia de união não se restringe aqui apenas à noção corriqueira de união sexual ou amorosa, que se efetua entre dois seres, mas se estende à ideia de conexão, implícita na palavra *religare* (da qual deriva “religião”) e que atinge outras esferas: a conexão (ou reunião) com a origem da vida (e com o fim, a morte), a conexão com o cosmo (ou com Deus, para os religiosos), que produziriam sensações fugazes, mas intensas, de completude e de totalidade. (BRANCO, 1984, p. 66).

Em consonância com o depoimento de Branco (1984), faz-se necessário realçar que, diferentemente do que o senso comum habitua propalar, as discussões a respeito do erotismo não se reduzem, de maneira alguma, ao ato sexual em si, mas, pelo contrário, englobam questões de natureza múltipla. Sendo assim, as sugestões de conexão, união e completude que a autora afirma encontrar em estado latente em escritos sobre o erótico – tanto em narrativas míticas tradicionais quanto em textos mais modernos e de teor mais científico – traduzem uma ânsia que transcende a prerrogativa estritamente corporal, biológica, da procriação para envolver assuntos de ordem metafísica, inclusive espiritual/religiosa.

Para compreender melhor esse vínculo que o erótico ostenta com os universos do anímico e do místico, recorreremos, tal-qual o faz Branco (1984), a algumas reflexões do filósofo francês Georges Bataille (2014), grande pensador do século XX que se dedicou ao estudo detalhado do assunto. Uma de suas teses principais é que, na medida em que “os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros, e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles de que provieram” (BATAILLE, 2014, p. 36), o homem é decidida e fatalmente “descontínuo”, isto é, faltoso, lacunar, incompleto. É justamente esse “abismo” que todo ser humano carrega consigo mesmo que o compelirá, num movimento de “nostalgia da continuidade perdida”, a procurar a inalcançável “fusão dos corpos entre si” (BATAILLE, 2014, p. 39). Destarte, podemos reconhecer a legitimidade das aproximações que Branco (1984) promoveu entre os campos do erótico e do religioso, tendo em vista que ambos lidam, ao seu modo, com a necessidade imperativa do eu por unidade, totalidade, enfim, completude.

No entanto, não é apenas a religião que pode seguir os rastros incertos de Eros. Uma outra esfera da atividade humana que percorre esse mesmo itinerário, repleto de curvas, sulcos e interrupções, é a arte. Isso porque a “expressão artística se realiza em função de um mesmo impulso para a totalidade do ser, para sua permanência além de um instante fugaz e para sua união com o universo” (BRANCO, 1984, p. 68). De fato, a arte, a partir do momento em que se configura como uma espécie particular de linguagem (seja ela a música, a dança ou, no nosso caso, a literatura), viabiliza a convergência de sujeitos fendidos, solitários, que encontram na obra artística um suporte no qual podem, minimamente, mesclar-se, na tentativa, sempre falha, de “resgatar a totalidade roubada por Zeus” (BRANCO, 1984, p. 68).

Essa potência agregadora que a arte porta lhe confere um teor altamente subversivo, perigoso, na medida em que favorece um olhar crítico para com a realidade material. Para além da possibilidade de união que ela promete, convidamos a (re)pensar verdades e concepções de mundo que podem acabar em verdadeiras transformações sociais. Tudo isso é intensificado quando a arte se debruça sobre os desígnios de Eros. É um fato conhecido que, historicamente, inúmeros mecanismos de controle e repressão foram elaborados para limitar a “ameaça da desordem erótica” (BRANCO, 1984, 69), ou seja, a força transgressora que o erotismo e a sexualidade como um todo possuem, que desde sempre

contesta a lógica dos discursos hegemônicos, normativos, repressores das liberdades individuais.

Isso poderia explicar o porquê de a arte tipicamente erótica muitas vezes ser considerada como inferior, vulgar ou tosca. Habitualmente, convoca-se o rótulo de “pornográfica” para desqualificar qualquer obra artística que retrate alguma faceta da sexualidade, num movimento retórico que denuncia nossa incapacidade para lidar com essa dimensão tão natural da nossa existência. A maioria dos teóricos da área (Cf. MAINGUENAU, 2010; MORAES & LAPEIZ, 1984) apontam para o entendimento de que essa intolerância para com o sexual é mais um preconceito moral do que meramente intelectual, uma vez que põe em cena um sistema de valores fundamentados não em parâmetros estéticos, mas éticos. O professor francês Dominique Mainguenu (2010) completa esse raciocínio, quando diz que:

Considerar erotismo e pornografia cada um em sua ordem é também considerar que um e outra possuem critérios de qualidade específicos. Tanto quanto um “thriller” ou romance policial, uma obra pornográfica pode ter mais ou menos êxito. Há um “belo” pornográfico e um “feio” erótico, se com isso entendemos que pode haver uma adequação mais ou menos bem-sucedida entre o texto e a finalidade à qual sua existência está submetida. (MAINGUENAU, 2010, p. 33, grifos do autor).

Entendemos, assim, que relegar automaticamente o pornográfico ao baixo, sujo, grotesco e, ao mesmo tempo, alocar o erótico no alto, higiênico e sublime, não nos permite emitir um juízo de valor justo, verdadeiro, uma vez que estaríamos ignorando os traços característicos de cada campo discursivo. Nesse sentido, o ideal seria que tanto o erótico quanto o pornográfico fossem apreciados levando em consideração as engrenagens retóricas e estilísticas que os particularizam. Cada uma dessas tradições, que, não raro, se cruzam e misturam ao ponto de sua diferenciação ser quase impossível, possuem traços próprios que não só podem, mas devem ser levados em consideração durante a operação hermenêutica. Apenas assim poderíamos usufruir completamente o efeito estético que a obra de arte produz em nós e, por conseguinte, oferecer uma resposta crítica à sua altura.

Para pensar as engrenagens retóricas e estilísticas próprias ao registro erótico que citamos acima, especialmente no caso do texto literário, acudimos ao trabalho da professora Eliane Robert de Moraes (2015), uma das maiores estudiosas de literatura erótica no Brasil. Segundo a autora, “não há erotismo sem fantasia, assim como não há literatura sem ficção”, uma vez que “ambos se movem ao sabor de desejos que jamais se esgotam em si mesmos e sempre ensejam um mais-além no horizonte” (MORAES, 2015, p. 20). Nessa perspectiva, o elo que liga a experiência erótica à criação literária é a imaginação, ou fabulação, faculdade psíquica que nos permite, à maneira dos sortilégios de Eros, colocar-nos no lugar do outro, *no outro*, para, a partir desse movimento empático, aprender mais sobre nós mesmos.

Aqui, mais uma vez, perfila-se a noção de “passagem à continuidade” das que nos fala Bataille (2014, p. 38), tendo em vista que o texto literário promove um encontro, um “instante fundamental de continuidade entre dois seres”. Da mesma forma em que o furor erótico expande o horizonte anímico da sexualidade humana, revestindo-o com significados que extrapolam a injunção biológica para a procriação, a literatura, quando se desdobra sobre a superfície do lascivo e do libertino, aquilo que Moraes (2015, p. 21) chamou de “estilização da carne”, consegue capturar um gozo erótico/estético único, além de multiplicá-lo infinitamente em imagens poéticas.

SEXO, CORPO E LETRA: DESVARIOS ERÓTICOS EM “MELHOR QUE ARDER”, DE CLARICE LISPECTOR

Concordando com as proposições de Moraes (2015, p. 27), segundo quem o escritor que “submeter a referência sexual a uma estilização” consegue “transformar o sexo num observatório a partir do qual se pode contemplar qualquer prisma do universo”, propomo-nos a analisar o conto “Melhor que arder”, de Clarice Lispector. A escolha do *corpus* se justifica pelo fato de detectarmos nele a construção de um cenário subjetivo no qual se desenrola um conflito entre os impulsos eróticos inerentes ao ser humano e a castidade exigida pela vida religiosa, nomeadamente a cristã, o que, por sua vez, nos permitirá realizar uma leitura que adote como categoria analítica norteadora o erotismo.

A narrativa em questão faz parte de *A via crucis do corpo*, coletânea com quatorze contos, publicada pela primeira vez no ano de 1974. Nela, deparamo-nos com a figura de Clara, uma jovem mulher que, “por imposição da família” (LISPECTOR, 2016, p. 582), vivia em um convento. Já nesta informação, que o narrador onisciente nos oferta logo nas primeiras linhas, podemos identificar o empecilho dramático que provoca e impulsiona o desenrolar da diegese. Trata-se do confronto entre os desejos sexuais da protagonista e os imperativos de abstinência da instituição onde residia.

Esse entrave será desdobrado ao longo do texto para criar imagens de poder sugestivo e poético excepcionais. Com efeito, isso se dá desde o título, que retoma uma passagem do texto bíblico, especificamente o nono versículo do primeiro capítulo do livro de Coríntios. Nesse trecho em particular, o apóstolo Paulo dita aos membros da Igreja de Corinto alguns ensinamentos sobre o matrimônio. Após discorrer sobre o mérito de uma vida casta, o evangelista declara: “Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo” (BÍBLIA, Coríntios, 1:9). Aqui, a castidade é valorizada em detrimento da vida de casal, que se desenha apenas como uma possibilidade menos negativa do que entregar-se completamente ao pecado da luxúria. É essa a ideia que irá servir de base para a narrativa, como uma espécie de “mote” a ser retomado reiteradamente.

Outro aspecto que se faz necessário salientar é que Clara não havia decidido, por vontade própria, entrar no convento. A vida religiosa e o subsequente

confinamento lhe foram impostos pela família. Esse fato nos remete aos inúmeros artifícios que a sociedade ocidental, atravessada como é por preceitos patriarcalistas e misóginos, concebeu para cercear a sexualidade feminina, considerada, ao longo dos tempos, “perigosa”.

Como nos lembra Branco (1984),

O poder do feminino se encontra expresso nos mitos, dos pagãos aos cristãos; a Bíblia traz exemplos inesgotáveis da necessidade de regular, de “proteger” as mulheres e de se proteger contra elas, que, silenciosas e passivas, ameaçam a ordenação e a assepsia da humanidade, sobretudo durante a menstruação e a gravidez, estados considerados impuros e impróprios, que a remetem naturalmente à “conexão” erótica. (BRANCO, 1984, p. 69, grifos da autora).

Se é verdade que o cristianismo instaurou um entendimento da sexualidade humana como sendo inerentemente má ou pecaminosa, também é verdade que, ao longo do tempo, foi a sexualidade feminina que mais sofreu esses ataques, sendo vilmente (des)caracterizada. Desde a figura mítica de Eva, que, segundo a tradição bíblica, havia incitado Adão a provar do “fruto proibido”, a mulher foi historicamente imaginada como aquela que provoca, incita e induz o homem ao erro, ao pecado. Associada ao perigo e à impureza, a sexualidade feminina e, por extensão, o corpo da mulher são, ainda hoje, vítimas de um arranjo social que as interdita, limitando o horizonte do seu gozo erótico.

A sucessão de imagens que aludem à sexualidade feminina continua quando somos apresentados à personagem de Clara, que era “alta, forte e cabeluda”, “rezava com fervor” e “se confessava todos os dias. Todos os dias a hóstia branca que se desmanchava na boca” (LISPECTOR, 2016, p. 582). Já nesta primeira caracterização da protagonista saltam alguns signos que lembram o universo do erótico. A começar pelos adjetivos “forte” e “cabeluda”, que direcionam a atenção do leitor para qualidades do corpo de Clara, *locus* a partir do qual se originaria a pulsão sensual que tanto a angustiava. Ainda sobre essas qualidades, podemos afirmar que, através de uma relação metonímica, são convocados o vigor e a fecundidade transbordantes da personagem, atributos que agravariam a sua condição.

Para além desses traços físicos, o narrador descreve a rotina de Clara dentro do convento. O exercício de rezar, por exemplo, era realizado “com fervor”, isto é, com certa ânsia, o que, novamente, sugere a ideia capitular de que a protagonista estaria sendo consumida por uma “chama”, uma vontade que não poderia experimentar livremente, pelo menos sem sofrer represálias. Essa aura de culpa que é desenhada sobre a personagem é reforçada quando o narrador relata que ela se “confessava todos os dias” e que, igualmente, todos os dias a hóstia branca “desmanchava” na sua boca. Poderíamos ler essa recorrência de Clara em se confessar e em ingerir a hóstia com tanto afincamento como uma espécie de “tentativa de

purificar-se” dos seus desejos, que, segundo a lógica da fé cristã, condenariam sua alma.

O martírio da nossa protagonista apenas aumenta e, em determinado momento, ela não suporta mais sofrer em silêncio. Decide, então, confidenciar suas penas; primeiro, à uma companheira e, mais tarde, ao padre. Ambos lhe respondem, num tom ao mesmo tempo severo e preocupado, com um único conselho: “Mortifique o corpo” (LISPECTOR, 2016, p. 582). Aqui, ilustra-se muito claramente a relação maniqueísta que o Ocidente, grande parte em razão da influência do pensamento clássico cristão, estabelece entre o corpo e o espírito, entre o erotismo e a salvação. Nas palavras de Branco (1984):

O cristianismo, ao estigmatizar nossa sexualidade como pecadora, termina por expulsar o erotismo das esferas do sagrado e por destituí-lo de seu caráter abrangente, totalizador. Por termos profanado as leis de Deus, somos condenados a viver um erotismo profano, dessacralizado. [...] Todas as vezes em que os impulsos de Eros ultrapassarem ou simplesmente desconsiderarem a procriação, eles serão vistos como perversos e especialmente perigosos. (BRANCO, 1984, p. 85).

Efetivamente, a partir do momento em que o registro erótico é dessacralizado, isto é, esvaziado da sua potencialidade subjetiva, nossa relação com ele se torna periférica, marginal, fragmentada. Essa dinâmica extremamente austera na sua racionalização do encontro humano se vê refletida na relação que estabelecemos com nosso próprio corpo, que passa a ser entendido como uma máquina desprovida de afeto, um conjunto de engrenagens que deve ser dominado para sempre funcionar em “capacidade máxima”. Nessa perspectiva, o único cenário capaz de tornar a sexualidade minimamente tolerante é a procriação. Quaisquer práticas sexuais que não contemplem a possibilidade de “continuar a espécie”, para retomar a prescrição bíblica, são considerados atos perversos e severamente combatidos. Daí a insistência, por parte da companheira de convento e do padre, de que Clara mortificasse, castigasse seu corpo, até conseguir “exorcizar” os desejos carnis que ameaçavam amolar seu espírito.

É exatamente o que Clara faz: “Passou a dormir na laje fria. E fustigava-se com silício. De nada adiantava. Pegava gripes fortes, ficava toda arranhada” (LISPECTOR, 2016, p. 582). No entanto, nenhuma das penitências surtia efeito; o seu desejo dilatava-se exponencialmente, ao ponto de que na “hora em que o padre lhe tocava a boca para dar a hóstia tinha que se controlar para não morder a mão do padre” (LISPECTOR, 2016, p. 582). Podemos notar como, à medida em que a personagem era possuída pelos seus impulsos eróticos, maior era sua dificuldade em participar dos rituais da liturgia. Com efeito, o registro do profano sobrepõe-se gradualmente ao registro do sagrado, contaminando-o com seus tons dissolutos, o que, por sua vez, tornava o espaço do convento mais violento, opressivo, inclusive sufocante.

Um fato interessante que é destacado neste momento da diegese é que o padre também sentia um forte desejo sexual. Até então, apenas Clara havia demonstrado qualquer tipo de inclinação sensual. Esse quadro muda quando a protagonista confessa ao padre que, em oposição às normas do convento, havia depilado suas pernas. O narrador descreve a reação do padre ao ouvi-la: “Este ficou pálido. Imaginou que suas pernas deviam ser fortes, bem torneadas” (LISPECTOR, 2016, p. 583). Com a revelação de que o padre, figura que, até aquele momento, havia representado as virtudes da fé cristã, era habitado por impulsos eróticos semelhantes aos que Clara tão diligentemente procurava combater, a narrativa adquire novas camadas que a enriquecem do ponto de vista discursivo.

Duas possíveis leituras se desenham a partir dessa nova informação. Podemos pensar, por um lado, que o fato de que a figura de maior posição hierárquica naquele contexto demonstrasse uma certa fraqueza, nomeadamente o desejo sexual, implicaria no entendimento de que a dimensão erótica é inseparável do homem e, por tanto, deveria ser encarada de maneira mais saudável. Nesse sentido, o sofrimento de Clara é estendido à humanidade como um todo, o que a purgaria da sua culpa, pelo menos parcialmente. Por outro lado, essa mesma circunstância poderia significar exatamente o contrário, na medida em que o padre é colocado como aquele que consegue “domar” seus instintos mais primitivos, em contraste direto com Clara que, por alguma deficiência inerente, não seria capaz de fazer o mesmo. Além disso, os impulsos eróticos do padre só são postos em cena a partir da confissão de Clara, que, ao evocar suas pernas depiladas, desperta o seu desejo, até então adormecido. Nesta segunda interpretação, a culpa da protagonista é extremamente exacerbada, além de ganhar conotações misóginas, uma vez que a mulher é retratada como sendo moralmente inferior ao homem e/ou como a causa da sua danação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Lispector culmina com Clara abandonando o convento e conhecendo um homem com quem, após algum cortejo, acaba por casar-se, tendo “quatro filhos, todos homens, todos cabeludos” (LISPECTOR, 2016, p. 584). Esse desfecho nos aponta para a compreensão de que a esfera erótica faz parte do quadro geral da experiência humana. Sendo assim, ainda que tentemos sufocá-la, como a protagonista o fez ao longo do conto, a pulsão sexual sempre encontrará subterfúgios para reclamar seu espaço e convocar-nos ao encontro do outro.

Uma vez liberta das prerrogativas do convento, Clara, aos poucos, adota uma atitude mais receptiva para com o erótico. No entanto, ela não abdica da sua fé, pois consegue promover uma espécie de equilíbrio entre sua dedicação espiritual e as vontades do seu corpo. Rezava diligentemente para que “alguma coisa boa lhe acontecesse. Em forma de homem” (LISPECTOR, 2016, p. 583). Finalmente conhece um parceiro e se casa, cumprindo, ainda que fortuitamente, com os ensinamentos do apóstolo Paulo, condensados no título do conto: “Melhor que arder”. Além disso, através da leitura que realizamos, podemos observar como a literatura pode apropriar-se dos “signos da carne” para promover discussões que

vão além do ato sexual propriamente dito, inaugurando campos discursivos de uma força narrativa – e até certo ponto, política – sem igual. Isso porque, não raro, contrapõem-se a discursos hegemônicos que distorcem a natureza do erotismo, oferecendo alternativas mais condizentes com a realidade subjetiva dessa parcela da nossa experiência humana.

Referências

A BÍBLIA. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. 1110 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

BRANCO, Lucia Castello. O que é erotismo? In: MILAN, B; BRANCO, L. C; MORAES, E. R; LAPEIZ, S. M. *O que é amor, erotismo, pornografia?* São Paulo: Círculo do Livro; Editora Brasiliense, 1984, pp. 65 – 108.

LISPECTOR, Clarice. Melhor do que arder. In: LISPECTOR, Clarice. *Todos os contos*. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 582 – 584.

MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MIRANDA FILHO, Mário. Nota sobre Eros em *O banquete* de Platão. *Ide*, São Paulo, v. 34, n. 52, p. 43 – 56, ago. 2011.

MORAES, Eliane R. Da lira abdominal. In: MORAES, Eliane R. (org.). *Antologia da poesia erótica brasileira*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015, pp. 17 – 48.

MORAES, Eliane R; LAPEIZ, Sandra M. O que é pornografia? In: MILAN, B; BRANCO, L. C; MORAES, E. R; LAPEIZ, S. M. *O que é amor, erotismo, pornografia?* São Paulo: Círculo do Livro; Editora Brasiliense, 1984, pp. 109 – 171.

PLATÃO. *O banquete*. Tradução de J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Para citar este artigo

SIMEÃO, Fabio Gustavo Romero; PINHEIRO, Vanessa Riambau. Quando a fé anuncia o pathos: figurações do erotismo em “Melhor do que arder”, de Clarice Lispector. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 9, n. 3, p. 430-441, set.-dez. 2020.

Os autores

Fabio Gustavo Romero Simeão é graduando em Letras na Universidade Federal da Paraíba.

Vanessa Riambau Pinheiro é Professora Adjunta da Universidade Federal da Paraíba. Possui pós-doutorado pela Faculdade de Letras de Lisboa, concluído em 2017.